

Um abismo vigiado: segurança e soberania no discurso jornalístico televisual sobre fronteiras na Amazônia

Aline Roes Dalmolin, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Ada Cristina Machado Silveira, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Resumo: A região amazônica, quando pauta da mídia brasileira, reflete uma interessante contradição: permanece encoberta por uma grande região de sombra apesar de ser alvo de uma intensa vigilância por parte dos veículos nacionais. O presente artigo busca refletir sobre a cobertura jornalística das fronteiras internacionais do país, tendo como objeto as matérias exibidas no programa Fantástico, da TV Globo do Brasil, que abordam as fronteiras amazônicas. As noções de discurso e formações discursivas, desenvolvidas por Michel Foucault (1971, 2008b), dão o amparo para a apropriação metodológica do objeto empírico. Outro conceito foucaultiano, o de panóptico (Foucault, 2012), associado à compreensão das linhas epistemológicas abissais, conforme Boaventura de Souza Santos (2007), nos ajudam a circunscrever teoricamente o problema de pesquisa. Como resultados, verificamos que as matérias televisivas analisadas reproduzem o estigma fronteiro presente nas coberturas de outros veículos, observados em trabalhos anteriores, ao atuarem como sistemas de alarme (Silveira, 2009, 2012), dando ênfase excessiva a aspectos como os riscos à soberania nacional, em detrimento das particularidades culturais e identitárias dos contextos fronteiriços e das peculiaridades do contexto amazônico.

Palavras-chave: estudos de fronteira, televisão, comunicação, discurso jornalístico, Amazônia

Abstract: The Amazon region, when it's part of the agenda of the Brazilian media, reflects an interesting contradiction: despite being the target of intense surveillance by national vehicles it remains covered by a large shadow region. This article seeks to reflect about the journalistic coverage of the international borders of the country and its object are the matters displayed on a TV show named Fantástico, on Globo Television of Brazil, which comment Amazon frontiers. The notions of discourse and discursive formations, developed by Michel Foucault (1971 2008b), give support to methodological appropriation of the empirical object. Another Foucault's concept, the panoptic (Foucault, 2012), coupled with the comprehension of abyssal epistemological lines, according to Boaventura de Souza Santos (2007), help us to circumscribe theoretically the research problem. As a result, we verified that the analyzed television materials reproduce the border stigma which exists in the coverage of other vehicles, observed in previous studies, acting as alarm systems (Silveira, 2009, 2012), giving too much emphasis to aspects such as risks to national sovereignty, instead of the cultural and identity contexts border and the peculiarities of the Amazon context.

Keywords: Border Studies, Television, Communication, Journalistic Discourse, Amazon

Introdução

A região da Amazônia, localizada na região norte do Brasil, pode ser rapidamente descrita por vários superlativos: a maior floresta tropical do mundo, de maior biodiversidade, situada na bacia hidrográfica do maior rio do planeta, com a maior coleção de plantas vivas e espécies animais do mundo. Sua grandiosidade, que se estende por 6,5 milhões de quilômetros quadrados, se expressa nos epítetos que comumente a ela se dirigem: “pulmão do mundo”, “santuário da flora e da fauna”, “inferno verde”, “paraíso tropical”, “mito do Eldorado” (Steinbrenner, 2007), entre outros. A maior parte de seu território, cerca de 60%, fica no Brasil, e o restante distribui-se entre outros países da América do Sul: Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. Neste espaço, dotado de grande diversidade geográfica, coexistem grupos populacionais heterogêneos, como ribeirinhos, indígenas, quilombolas, fazendeiros, seringueiros e moradores das zonas urbanizadas da região, que constituem uma rica “sociodiversidade amazônica” (Heck, Lobbens e Carvalho, 2005).

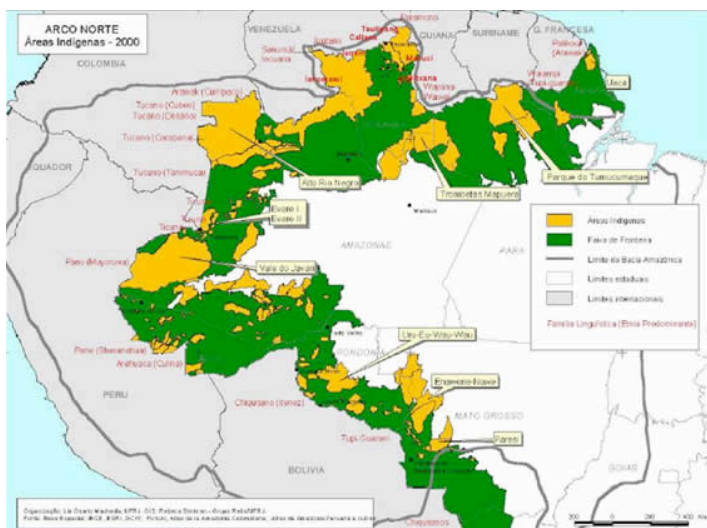


O artigo pretende focar as fronteiras amazônicas, um espaço no qual se institui um campo de disputas do qual participa um conjunto heterogêneo de atores sociais. Os limites internacionais da Amazônia brasileira constituem o chamado arco norte¹ (Figura 1) da faixa de fronteira, situado entre os estados brasileiros do Amapá, Pará, Roraima, Amazonas e Acre com os países Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia. O arco norte constitui um “arco indígena”, pela presença de grandes reservas indígenas em sua área, a qual se demarca tanto do ponto de vista do território quanto da identidade territorial, devido à importância étnico-cultural indígena mesmo fora das áreas de reserva (Brasil, 2005). Nesta região, os índios ianomâmis, macuxis, tucanos, tikunas e panos ocupam territórios dos dois lados do limite internacional.

Apesar de seus limites legais englobarem nove estados da federação e 61% do território nacional, a Amazônia brasileira não vem obtendo um destaque compatível a sua importância internacionalmente reconhecida. A agenda jornalística nacional, constituída pela mídia de referência, raramente aborda o assunto, e quando o faz, não raro reflete preconceitos e incompreensões, ou repete os mesmos bordões historicamente constituídos em torno do assunto. Na mídia, preponderam os discursos ambientalistas que a promovem como “terra intocável” (Araújo, Azêdo e Silva, 2010), ou que a exibem enquanto floresta sem ocupação humana, ignorando sua diversidade populacional. São comuns abordagens que igualam práticas dos grandes pecuaristas as dos pequenos agricultores locais, bem como comparam a retirada de árvores através da extração ilegal às práticas de manejo sustentável (Bittencourt, 2008). Portanto, há uma grande região de sombra encobrindo a região no que tange a sua abordagem midiática.

Outras duas concepções bastante recorrentes, que pautam inclusive muitas políticas públicas e estudos acadêmicos, são da Amazônia como um espaço vazio e das fronteiras amazônicas como um sistema fechado pelos limites internacionais (Machado, 2007). A primeira refere-se à baixa densidade de povoamento da região e a segunda, compreende a região desvinculada de sua unidade geográfica, formada pela bacia amazônica sul-americana, que ultrapassa os traçados dos limites dos países que compõem a região. Machado (2007) ressalta que esse cenário está mudando rapidamente, sem que haja uma renovação das concepções sobre aquele espaço, devido aos fluxos migratórios, de colonização e expansão econômica e das novas conjunturas político-geográficas, sejam internas ou internacionais.

Figura 1: Áreas indígenas situadas no arco norte das fronteiras internacionais brasileiras



Fonte: Brasil, 2005.

¹ Para fins de estratégia geopolítica, a faixa de fronteira brasileira divide-se em três arcos: norte, central e sul, sendo que a região amazônica constitui o chamado Arco Norte (Brasil, 2005).

A cobertura jornalística sobre as fronteiras amazônicas também apresenta esse descompasso. Verifica-se que esta reproduz o modo estigmatizado e redutor observado na abordagem das periferias brasileiras, das quais fazem parte as fronteiras internacionais, cujas representações na mídia nacional as mantêm atreladas a um imaginário de situações recorrentes articulados pela ausência de estado, caos e violência que persiste mesmo com o fim da Doutrina de Segurança Nacional² e da Guerra Fria. O enquadramento discursivo pela mídia brasileira geralmente ressalta os acontecimentos sobre as fronteiras internacionais sob um viés fortemente estigmatizado, de perspectiva unívoca e que atua no sentido de incitar o Estado nacional a realizar projeção de poder sobre seus vizinhos fronteiriços. Observa-se o estabelecimento de uma ampla implicação entre a crônica do cotidiano fronteiriço e as mazelas da nacionalidade, estabelecendo “um padrão securitário propugnado pela ordem legal e pelo desenvolvimentismo” (Silveira 2012).

O artigo propõe-se a debater a cobertura jornalística das fronteiras internacionais do Brasil, especificamente pelo viés do jornalismo televisivo do programa Fantástico, da TV Globo. Verifica-se que o desmatamento, o viés mítico, a defesa da soberania e a vigilância são temas recorrentes nas matérias que tomam as fronteiras amazônicas como pauta, veiculadas pelo programa nos últimos dez anos.

A noção de discurso, desenvolvida por Michel Foucault (1971, 2008b), auxilia na compreensão de como se estruturam os enunciados sobre as fronteiras amazônicas nas matérias analisadas, oferecendo as ferramentas metodológicas para a apropriação do objeto empírico, organizado a partir do mapeamento das regularidades discursivas. Já os conceitos de pensamento abissal e de mecanismo panóptico contribuem para entender como vigilância e invisibilidade contraditoriamente convivem no discurso, constituindo o “abismo vigiado” que estrutura a cobertura midiática sobre a região amazônica.

O mapeamento de regularidades discursivas possibilita definir um passo a mais em relação aos fragmentos discursivos organizados em um corpus: no interior do sistema do arquivo (Foucault, 2008b), eles voltarão a se encontrar graças à função enunciativa, ligando-se uns aos outros e em rede com uma infinidade de discursos sociais. Esses se constroem a partir de relações discursivas, as quais não são interiores nem exteriores ao discurso, mas se encontram no limite deste, ofertando objetos dos quais se possa falar “para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc.” (Foucault, 2008b: 51). Cabe ao analista reativar esses fragmentos e reconstruir relações entre as unidades de análise - os enunciados.

Pensamento abissal, mecanismo panóptico e os discursos sobre as fronteiras amazônicas

Boaventura de Souza Santos (2007) concebe o pensamento moderno ocidental como um pensamento abissal. De acordo com esta concepção, as linhas cartográficas imaginárias que separavam o velho e o novo mundo na era colonial subsistem no pensamento moderno ocidental na forma do regime de exclusões característicos do sistema mundial contemporâneo. Estas linhas instituem divisões visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas “são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade em dois universos distintos: o ‘deste lado da linha’ e o ‘do outro lado da linha’ (Santos, 2007: 71)”.

As linhas instituem-se como radicais, pois impossibilitam a coexistência entre aquilo que elas marcam e demarcam, expressando dessa forma seu caráter “abissal” por estabelecer uma distinção epistemológica intransponível e excludente. Conforme Santos (2007: 71), “para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética”. O autor cita como exemplo a ciência e o direito moderno como fundados pelo pensamento abissal, relacionando também a distinção invisível entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais, que ainda vive na constituição epistemológica do pensamento contemporâneo.

Acrescenta-se que o próprio jornalismo, enquanto prática discursiva nas sociedades ocidentais contemporâneas, não deixa de se estruturar enquanto pensamento abissal, uma vez que funda sua

² Ideologia marcada por uma forte concepção de defesa da soberania nacional que norteava os militares que comandaram a ditadura no Brasil, entre os anos 1964 e 1985. Seu objetivo era identificar e eliminar os inimigos do regime, especialmente os identificados como “comunistas” em nome da “segurança nacional”.

discursividade de forma a compreender a realidade como estruturada por universos distintos, privilegiando o enfoque daqueles que se encontram “deste lado da linha”, em detrimento dos que se situam “do outro lado da linha”. As lógicas midiáticas da homogeneização, da espetacularização, do extraordinário e da encenação contribuem para que se perpetuem óticas maniqueístas e baseadas em dicotomias e binarismos (Coimbra, 2001), privando o discurso jornalístico de observar complexidades e expressões heterogêneas. Ijuim (2013) relaciona às matrizes positivistas do jornalismo ocidental as motivações de ordem sociocultural que colaboram para a reprodução de estereótipos de alguns grupos sociais na imprensa brasileira, como os fronteiriços e os indígenas. Segundo o autor, ao reforçar estereótipos, os órgãos de imprensa contribuem para reproduzir a intolerância, e colaboram para perpetuar discursos preconceituosos contra estes grupos (Ijuim, 2013).

Para a mídia brasileira, aquilo que se encontra “deste lado da linha” é o que se estabelece como pauta, a ponto do “sistema de mídia” brasileiro, ou a chamada “grande imprensa” do país, ser constituído quase que exclusivamente por veículos situados no eixo Rio-São Paulo. Essas duas cidades abrigam os núcleos das grandes redes televisivas, em torno das quais orbita o *star system* nacional. O princípio epistemológico das linhas abissais instituiu-se nas abordagens desses veículos midiáticos que priorizam as percepções de mundo e os anseios das classes privilegiadas e dos que geograficamente estão situados na região centro-sul do país, a qual, não por coincidência, representa o eixo das decisões políticas e dominante no processo de produção econômica nacional.

Esse olhar, excludente e categorizador, estrutura e separa, através de uma linha abissal, a região amazônica do restante do país. De um lado, o mundo “civilizado”, urbano e desenvolvido da região centro-sul, cria e impõe às demais regiões sua noção de identidade nacional, que impede a afirmação de outras identidades que divergem de suas definições. Essa concepção impregna o discurso televisual, que reflete o ponto de vista da elite majoritariamente branca radicada nos estados brasileiros de Rio de Janeiro e São Paulo, de onde provém a maior parte das transmissões televisivas do país. Apesar de viver no Brasil, essa elite expressa uma visão peculiar do Brasil a partir de uma postura exógena, “voltada para a Europa e os Estados Unidos, de onde acredita provirem todo o progresso e a civilização que a espécie humana pode almejar” (Priolli, 2003: 15). Do outro lado da linha, são renegados e folclorizados “índios, negros e asiáticos, pelo ângulo racial, mulheres e homossexuais, pelo ângulo do gênero, e nordestinos e nortistas, pelo ângulo geográfico” (idem).

Neste contexto, sobrevêm a dicotomia do olhar colonizador-colonizado, verificada em grande parte dos discursos midiáticos sobre o assunto, que perpetuam uma “posição de estranheza e distanciamento, qualidades que conservariam, de modo fragmentário, a essência do discurso do colonialismo” (Dutra, 2001: 2). Essa visão de mundo se corporifica no grande abismo discursivo que se institui na região amazônica, que faz com que esta seja pautada por discursos estereotipados, percepções estigmatizadoras e preconceituosas a respeito das pessoas que habitam aquela região.

Historicamente, os discursos sobre a Amazônia podem ser estruturados em dois grandes grupos: o discurso do progresso, que se desenvolve entre as décadas de 1950 e 1970; e o discurso preservacionista, que ganha destaque a partir dos anos 1980, estruturando-se como antagonista ao discurso anterior (Bueno, 2002: 64). Em pesquisa que investigou a construção discursiva das capas sobre a Amazônia na revista *Veja*, a maior em circulação do Brasil, Coelho e Julião (2008) constataram essa orientação. Nos anos 1970, a posição discursiva predominante da revista era a que encorajava e louvava os “desbravadores”, que se dirigiam a ocupar e a explorar economicamente a região amazônica, até então muito pouco povoada; com o passar do tempo essa percepção foi reorientada, e o mesmo ator social positivamente caracterizado passou a ser culpado como o responsável pela destruição da floresta (Coelho e Julião, 2008).

No discurso midiático, imperam as concepções míticas e exóticas da região, tanto no sentido de louvação das belezas naturais e das potencialidades econômicas quanto na condenação do desmatamento e da apropriação indevida dos recursos – o “inferno verde” (Théry, 2005: 37). A atualização desse viés discursivo se dá pela “sustentabilidade”, que assume como a nova palavra de ordem a estruturar a veiculação da Amazônia na mídia. O fator ambiental assume uma posição central nessa discursividade, delegando à Amazônia urbana um caráter de “invisibilidade” (Steinbrenner, 2007: 10). Segundo a autora, essa centralidade da abordagem da questão ambiental

evidencia um “caráter francamente contraditório e perverso, considerando-se o intenso processo de urbanização que vem se dando na região desde os anos 80 e o consequente agravamento das desigualdades sociais (Steinbrenner, 2007: 5)”.

Os moradores da região amazônica corroboram as conclusões atestadas pela bibliografia. Uma pesquisa realizada junto a habitantes locais apontou que 82% dos entrevistados consideram que a mídia nacional e internacional desconhece a realidade daquela região, e que esta é rotulada prioritariamente a partir das questões ambientais (Araújo, Azêdo e Silva, 2010). Outra investigação, efetuada junto a profissionais da área da comunicação que atuam na Amazônia³, reconhecem a necessidade de se debater as questões relativas à floresta, mas ressaltam que a cobertura está muito longe de abranger satisfatoriamente as problemáticas amazônicas, permanecendo ignorante às verdadeiras questões regionais, centrada no sul do país e relacionada aos interesses das metrópoles nacionais (Bittencourt, 2008).

A situação de “estado de natureza”, referida por Santos (2007) como àquela na qual são sucumbidos os seres humanos sem possibilidade de integrar as sociedades metropolitanas e partilhar do status de “sociedade civil”, cabe aqui perfeitamente para descrever o condicionamento proposto ao se alicerçar uma construção discursiva que relega toda uma extensão geográfica a sua inanimada condição de exuberância florestal. Os discursos midiáticos sobre a Amazônia atestam a característica da modernidade salientada pelo autor, que aponta a coexistência entre a sociedade civil e o estado de natureza, “separados por uma linha abissal com base na qual o olhar hegemônico, localizado na sociedade civil, deixa de ver e declara efetivamente como não-existente o estado de natureza” (Santos, 2007: 74). Em outras palavras, é pela separação abissal que a mídia divide e categoriza uma ampla gama de dizeres socialmente construídos, que são divergentes na forma e origem, mas que convergem ao situarem-se no limite entre as condições externas e internas ao próprio discurso que as constitui.

Vigilância e soberania no discurso sobre a Amazônia

O conceito de panóptico, apropriado por Michel Foucault (2003, 2012) a partir de Jeremy Bentham, vem sendo utilizado como metáfora para expressar um conjunto de situações de controle social, enfatizando a posição na qual os controladores não se encontram expostos diretamente aos controlados. A partir dessa visibilidade, possibilita-se o exercício simbólico da violência sobre corpos e mentes, instituindo no panoptismo o “princípio geral de uma nova ‘anatomia política’ cujo objeto e fim não são a relação de soberania, mas as relações de disciplina” (Foucault, 2012: 197). O exercício do poder, outrora de caráter individual, passa a ser exercido coletivamente, tornando-se “uma maquinaria da qual ninguém é titular” (Foucault, 2003: 219).

Propõe-se refletir sobre o conceito de panóptico como metáfora para se pensar nos princípios que regem o funcionamento da “máquina de ver” midiática, e como esta institui discursivamente a vigilância das fronteiras amazônicas. Esse dispositivo, instaurado ainda nos primórdios do Estado moderno, é reatualizado ao propor-se como garantia da estabilidade das fronteiras, instituído a partir do princípio da vigilância. A diferença é que o panóptico reatualizado substitui a arquitetura solidificada sobre um construto tridimensional de espaço fechado por uma construção de espacialidade aberta, possibilitando o investimento em rede, difuso e multidirecional dos mecanismos do poder. O que torna ainda mais eficaz o exercício do controle e da disciplina estatal e de um de seus braços de poder, a mídia. Bauman (2004) compreende essa distensão do panóptico como evidência da instituição de uma era pós-panóptica, uma vez que as restrições espaciais já não fariam mais sentido na era da “modernidade líquida”, ao menos não da forma como estas eram articuladas no princípio da modernidade ao qual Foucault faz referência.

³ Um destes depoimentos, colhido pelo pesquisador junto ao jornalista Antonio Alves, parecem diretamente referir-se, em linguagem coloquial, à existência de uma linha abissal que separa a Amazônia do resto do país. “E o Brasil ainda olha a Amazônia assim, sabe, como a elite olha o povo, como o veículo de comunicação olha o telespectador, ou espectador, ou leitor, ou ouvinte, há uma separação, não há uma efetiva participação na produção da notícia, do comentário, da análise; o público é sempre o público. (...). Bom, é claro que a Amazônia fica como um grande universo desconhecido, como uma fronteira, a qual não se ultrapassa, um território no qual a imprensa, quando penetra, os veículos de comunicação, quando penetram, é de uma maneira folclórica (...)” (Alves apud Bittencourt, 2008: 5).

A máquina midiática institui-se, portanto, como uma “máquina de ver”, a qual, segundo Foucault (2012: 196), configura-se enquanto “uma espécie de câmara escura em que se espionam os indivíduos; ela torna-se um edifício transparente onde o exercício do poder é controlável pela sociedade inteira.” As câmeras do telejornalismo corporificam esta atividade, dotando de visão ilimitada os olhos do inspetor, antes confinado à torre central do mecanismo panóptico (Bacin, 2012). As câmeras de segurança e os satélites de observação oferecem ao jornalismo e ao aparato estatal a ferramenta para que o sonho de Bentham se perfaça, e o panóptico possa ser estendido à sociedade inteira, no caso aqui analisado, ao espaço das fronteiras amazônicas.

O jornalismo compõe este cenário, articulando seus rituais estratégicos ao funcionamento desta “máquina de ver”, operacionalizada pela visibilidade tanto pelas páginas dos jornais e revistas como pela câmera do programa “Fantástico”. O fazer jornalístico articula “mecanismos de captura da cena primária”, que recontam acontecimentos por outros olhares que não o dos jornalistas que testemunham os fatos, mas por um aparato tecnológico de ponta como câmeras de segurança, lentes de visão noturna, câmeras térmicas, que formam uma “rede ‘panóptica’ de observação dos movimentos da sociedade” (Bacin, 2012: 1). A reificação da utilização desses recursos colabora para construir no espectador uma impressão de que o território amazônico é constantemente observado, que cada centímetro quadrado de seus milhões de quilômetros de extensão é passível de ser escrutinado pelo olhar daquele que se põe a observar a partir do panóptico midiático, estruturado por veículos teleguiados, câmeras de visão noturna e helicópteros.

A distinção teórica trabalhada por Foucault (2012) entre disciplina bloco e disciplina mecanismo evidencia-se como outro ponto de apoio para se pensar a formação da sociedade disciplinar. A disciplina bloco operacionaliza-se a partir das instituições austeras, representadas pelas prisões e escolas, responsáveis por separar, hierarquizar e isolar os indivíduos desviantes do restante da sociedade. Já a disciplina mecanismo, regida pelo princípio da visibilidade, clama a todos nós, enquanto consumidores midiáticos, no sentido de atuarmos no combate à delinquência e à ilegalidade, responsabilizando-nos pelo funcionamento da máquina panóptica ao controlarmos, vigiarmos e penalizarmos toda a sociedade. Desse modo, as lentes do programa Fantástico nos tornam cúmplices para exercermos a vigilância do território amazônico, conforme se analisará na sequência.

As fronteiras amazônicas no *Fantástico*: resultados e discussões

A Rede Globo de Televisão, que exhibe o programa Fantástico, destaca-se como a maior expoente do segmento televisivo brasileiro, atingindo 98,44% do território, 5.482 municípios e 99,50% da população nacional, além de ser transmitida no exterior para mais de 130 países (Lopes, 2006). A emissora agrega a posição de hegemonia absoluta no mercado televisivo, consolidando a maior audiência, mais da metade da publicidade contratada, o maior número de pessoas empregadas, além da maior capacidade técnica instalada dentre as emissoras brasileiras (idem).

O programa Fantástico é exibido semanalmente, em todos os domingos, desde 1973, atingindo uma audiência de cerca de 22 milhões de espectadores (Gomes, 2011). Já em seus primeiros programas ele se caracterizava por misturar jornalismo e entretenimento, fórmula que perdura até hoje. Seu caráter informativo se traduz na proposta de apresentar aos telespectadores os principais acontecimentos da semana, de forma leve e descontraída, conjugando entretenimento e quadros de dramaturgia. Em razão dessas características, alguns autores caracterizam o formato do Fantástico como o de “revista eletrônica”, que mantém espaço para reportagens em formatos tradicionais, baseadas na veiculação de notícias, ao mesmo tempo em que exhibe um estilo descontraído por parte dos apresentadores, num cenário que abusa de recursos tecnológicos na finalidade de criar uma “atmosfera moderna e futurista” (Gomes, 2011: 269).

A pesquisa no site do Fantástico (fantastico.globo.com), que congrega as matérias veiculadas no programa, levantou a existência de doze matérias sobre a temática, exibidas de 2003 a 2012⁴. O

⁴ O marco inicial da pesquisa foi estabelecido pelo critério da atualidade e da facilidade de acesso ao corpus, em razão do fato de que as matérias disponibilizadas no site são aquelas veiculadas a partir de 2003, muito embora o programa Fantástico venha sendo exibido pela TV Globo há quase três décadas.

levantamento foi realizado a partir do cruzamento das palavras-chave “Amazônia” e “fronteira”, no próprio mecanismo de busca do site⁵. Dos resultados, foram excluídas as matérias que faziam associação a outras concepções do vocábulo “fronteira”, em seus sentidos não literais⁶, e às que aludiam a outras temáticas, sendo elencadas devido às associações próprias do mecanismo de busca.

As matérias (Quadro 1), exibidas abaixo em ordem cronológica, foram agrupadas em quatro grupos, de acordo com a angulação das temáticas, que serão explicitados na sequência.

Tabela 1: Matérias divulgadas no Fantástico sobre as fronteiras amazônicas.

<i>Matéria</i>	<i>Data</i>	<i>Sinopse</i>
Médicos no Rio Negro	27 de janeiro de 2003	Narra a aventura de dois oftalmologistas cariocas, esportistas amadores, na região do Rio Negro, na Amazônia.
Tribo na Rede	14 de setembro de 2003	Evidencia o início de um projeto voltado a interligar aldeias indígenas de todo Brasil pelo computador, mostrando a implantação da internet nas aldeias amazônicas dos Yawanawa e dos Ashaninka.
A destruição da Amazônia	18 de dezembro de 2005	Relata a investigação realizada por integrantes do Greenpeace sobre o comércio ilegal de madeira no estado de Rondônia.
A guerra da soja	11 de junho de 2006	Mostra a disputa que ocorre entre moradores da Amazônia e fazendeiros vindos de outros estados do país, que buscam plantar soja na região.
Os rios voadores da Amazônia	25 de novembro de 2007	Acompanha o trabalho do ambientalista Gérard Moss, que investiga a importância da Floresta Amazônica no equilíbrio do clima brasileiro.
Queimadas consomem mais de um milhão de hectares no Tocantins	22 de agosto de 2008	Mostra a destruição provocada por focos de incêndio na maior ilha fluvial da Amazônia.
Ritual alucinógeno volta a ser celebrado depois de 40 anos	12 de setembro de 2009	Exibe a cerimônia de batismo da tribo dos Tuyuka, na qual os índios consomem folha da coca e um cipó alucinógeno.
Aventureiros abrem nova rota de escalada no Monte Roraima	31 de janeiro de 2010	Narra a aventura de dois montanhistas que vivem em São Paulo na tentativa de abrir uma nova rota para chegar ao topo do Monte Roraima, na fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana.
Tempestade na Amazônia derrubou meio milhão de árvores	18 julho de 2010	Traz a divulgação de resultados de um estudo conduzido por pesquisadores brasileiros e norte-americanos sobre a maior tempestade já registrada na Floresta Amazônica, ocorrida em 2005.
Índios criam milícia nas fronteiras com Peru e Colômbia	26 de dezembro de 2010	Mostra a formação de um grupo paramilitar entre índios Tikuna, na fronteira entre Colômbia, Brasil e Peru.
Operação militar na Amazônia usa avião sem tripulação	21 de agosto de 2011	Relata a Operação Ágata, realizada em conjunto pelos exércitos do Brasil e da Colômbia, para reprimir atividades ilegais na fronteira amazônica.
Seita peruana vive como nos tempos de Cristo e é investigada por tráfico internacional	2 de dezembro de 2012	Fala sobre uma seita religiosa que vive na Amazônia, na fronteira com o Peru, acusada pela Polícia Federal de que alguns de seus membros estariam plantando folhas de coca para abastecer traficantes internacionais.

Fonte: elaboração das autoras a partir do Portal G1 e Youtube, 2013.

A maior parte delas aborda a questão do **desmatamento** e exploram **aspectos ambientais** (“A destruição da Amazônia”, “Os rios voadores da Amazônia”, “A guerra da soja”, “Tempestade na Amazônia derrubou meio milhão de árvores”, “Queimadas consomem mais de 1 milhão de hectares

⁵ É importante salientar que a Globo mantém em seu portal de internet (www.g1.com.br) o portal Globo Amazônia (www.globoamazonia.com), criado para veicular a produção específica sobre a região por parte da emissora. Algumas das matérias analisadas também podem ser acessadas a partir deste portal.

⁶ Como as que aludiam ao sentido da expressão “fronteira do conhecimento”, entre outras.

no TO”), nem sempre fazendo referência direta à problemática fronteiriça. Nesse sentido, a palavra “fronteira” aparece apenas no sentido de que representa um limite geográfico, de delimitação territorial. Consta-se a maior relevância numérica dessa abordagem na pesquisa realizada, uma vez que cinco das onze matérias do Fantástico tratam das fronteiras da Amazônia pelo viés da problemática do meio-ambiente, indo ao encontro ao já observado por outros pesquisadores no que tange ao fato deste ser o aspecto da região mais insistentemente abordado pela mídia (Araújo, Azêdo, and Silva 2010; Bittencourt 2008; Dutra 2001).

Já as matérias “Ritual alucinógeno volta a ser celebrado depois de 40 anos” e “Tribo na Rede” mostram uma abordagem diferenciada, pois reportam a um olhar com **preocupações antropológicas** sobre a região amazônica, buscando mostrar o jeito de ser dos índios que habitam aquele espaço geográfico. No entanto, as duas matérias que mostram maior respeito para com as fontes locais reproduzem de modo estereotipado o mito da Amazônia como “terra de índio”, comprovando a opacidade da região no que tange a sua população urbana e pertencente às demais etnias. Estes são observados, sobretudo, pela relação destes e de seus costumes milenares com o homem branco, constatando-se a angulação do olhar do colonizador face ao colonizado e do controle exercido sobre eles pelo Estado. Em “Ritual alucinógeno...” esse controle está presente no fato do ritual mostrado ter sido proibido por mais de 40 anos e de prescrever a utilização de substâncias alucinógenas pelos índios, prática presente na cultura tradicional daquela tribo mas condenada como crime pelo homem branco. O argumento discursivo norteador da matéria evidencia o fato de que naquele momento o ritual voltava a ser celebrado “graças” a um afrouxamento nos mecanismos de controle. Já em “Tribo na Rede”, transparece a força do aparato estatal, ao ser este que possibilita o ingresso da população indígena naquela que talvez seja o maior símbolo da emancipação do homem “civilizado”, a world wide web. Em outras palavras, as câmeras televisivas, ao estruturar um caráter de acontecimento em torno da acessibilidade da aldeia indígena à internet, louva e reifica o que seria, em apropriação das proposições de Santos (2007), um abandono do “estado de natureza” por parte dos indígenas, rumo à suposta “emancipação” prometida pela sociedade civil.

Outras duas matérias relatam **aventuras e expedições**. “Médicos no Rio Negro”, narra a expedição de dois médicos do Rio de Janeiro, esportistas amadores, que percorrem um dos principais rios da Amazônia em dois caiaques. Já “Brasileiros abrem nova rota para chegar no topo do monte Roraima” destaca a experiência de três montanhistas residentes em São Paulo que tentam abrir uma nova rota para chegar ao topo da sétima montanha mais alta do país, o Monte Roraima, no extremo norte do Brasil, na fronteira com a Venezuela e a Guiana. As duas matérias reportam, portanto, a um lugar comum da cobertura midiática sobre a Amazônia que explora esta como um local inóspito, de exuberância selvagem e inacessível, ao mesmo tempo em que retrata uma única angulação: a dos homens “civilizados”, que moram na metrópole (Rio de Janeiro e São Paulo são as duas maiores cidades do país) e que buscam emoção em situações de perigo. Conforme questiona o repórter na abertura da matéria dos alpinistas: “já imaginou ficar 12 dias pendurado na rocha, enfrentando chuva, frio, escorpiões e dormindo em barracas à beira do abismo?” (Fantástico, 31/01/2010).

O último conjunto, composto por três matérias, trata a questão da **segurança nas fronteiras e a questão da soberania nacional**. Estas serão analisadas com maior grau de detalhe, pois fazem menção direta à problemática que é foco deste artigo, e que diz respeito à discursivização cotidiana fronteiriça marcado pela projeção de poder por parte do Estado e da preocupação quanto à segurança fronteiriça como uma questão relativa à soberania brasileira. Coincidentemente ou não, as três matérias foram veiculadas nos três últimos anos (2010, 2011 e 2012) do levantamento pesquisado.

A matéria “Índios criam milícia nas fronteiras com Peru e Colômbia” (Fantástico, 26/12/2010), revela a existência de uma milícia paramilitar formada pelos índios para combater o problema com drogas e consumo de álcool na aldeia Tikuna, reserva indígena que fica no extremo oeste da Amazônia, a 1.105 km de Manaus, na região do Alto Solimões. Esta é descrita na matéria como rota do tráfico de drogas para o Brasil, próxima à região de tríplex fronteira entre Tabatinga (Brasil), Leticia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru). O problema da formação de milícias paramilitares entre os índios, que alegam não ser corretamente atendidos pela “polícia do homem branco”, é abordado

pelo fato dessa tribo estar situada na tríplice fronteira, mais especificamente na divisa entre as cidades de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia).

Sobre os Tikuna, uma das etnias que habitam o arco norte das fronteiras nacionais, o repórter desenvolve a definição de que estes são “índios, que próximos dos brancos, adotam práticas perigosas” (Fantástico, 26/12/2010). As “práticas perigosas”, às quais alude o repórter, tratam-se do alcoolismo e o consumo de drogas. A postura do repórter no vídeo, que coloca-se em pé, ao lado do índio sentado, visivelmente embriagado, e questiona-o se bebeu muito, evidencia subjetivamente uma condição de “superioridade” por parte do repórter, que julga o índio por sua posição de estar consumindo um produto proibido⁷. Já as fontes não-índigenas entrevistadas na matéria, entram em cena para enfatizar o caráter ilegal da formação dos grupos paramilitares, e deixam claro sua preocupação em relação à possibilidade destas milícias virem a cooperar para com grupos de narcotraficantes. Desde modo, as “práticas perigosas” parecem estar mais relacionadas à associação ao “perigo” advindo da proximidade da fronteira, à iminência de que o “lado de lá” venha a invadir o “lado de cá”.

A matéria “Operação militar na Amazônia usa avião sem tripulação” (Fantástico, 21/08-2011) acompanha a realização da “Operação Ágata”, realizada em conjunto por Brasil e Colômbia em repressão às atividades ilegais na região de fronteira. Busca-se destacar o trabalho dos policiais federais e militares envolvidos na ação, descrita pelo repórter como uma “operação de guerra”, ao mostrar imagens de navios patrulha, helicópteros e caças da força aérea que identificam atividades ilegais em plena mata, como a existência de uma pista de pouso não autorizada pelos órgãos de aviação e de uma serraria clandestina. Evidencia-se a utilização de aparato tecnológico por parte das forças de repressão às atividades ilegais, dentre os quais se destaca um veículo aéreo não tripulado (VANT), de fabricação israelense, utilizado para monitorar a região. O testemunho do repórter, expresso por sua voz em *off*, registra as proezas do avião, que é controlado à distância: “enxerga tudo, registra cada movimento que eu faço, grava em cores com sensores infravermelhos usados em sobrevoos noturnos”.

As imagens “falam por si” e a reificação das tecnologias utilizadas servem para deixar evidente aquilo que se quer mostrar. O aparato de vigilância da polícia mostra-se eficiente e intenso, sob o preceito da objetividade. Ao acompanhar o fechamento da serraria clandestina pelos policiais, o repórter questiona o único indivíduo encontrado por lá, um dos únicos moradores da região ouvidos na matéria: “Você sabe que não pode”, afirma o repórter perante o funcionário da serraria, que se identifica como vigilante do estabelecimento. O outro morador ouvido é um condutor de barco, interceptado pela polícia pela acusação de embriaguez. As imagens mostram uma lata vazia de cerveja no barco, evidenciando a acusação da polícia mesmo sem deixar claro se esta de fato foi consumida pelo condutor. Da mesma forma que na matéria dos Tikuna, o “flagrante” da atividade proibida, o consumo de álcool por um condutor de barco, reifica a presença do aparato de repressão e vigilância na região amazônica.

A matéria “Seita peruana vive como nos tempos de Cristo e é investigada por tráfico internacional” (Fantástico, 02/12/2012) descreve a existência de uma comunidade de seguidores de uma seita conhecida como “Israelitas do Novo Pacto”, localizada na fronteira entre o Brasil e o Peru, na terra indígena Vale do Javari. A seita, criada no Peru na década de 1960, prescreve a seus seguidores a manutenção de hábitos que seriam característicos da época de Jesus Cristo, como o uso de véus e roupas longas pelas mulheres e a proibição dos homens cortarem a barba e os cabelos. Os integrantes declaram observar estritamente os preceitos bíblicos, e parte dos seus rituais e estilos de vida são mostrados na reportagem.

A chamada da matéria pela apresentadora do Fantástico, no estúdio, resume o tom de acusação: “membros dessa seita estariam plantando folhas de coca para abastecer traficantes internacionais, e isso a poucos metros do território brasileiro” (Fantástico, 02/12/2012). No entanto, apesar da descrição inicial, a matéria não chega a mostrar evidências convincentes da relação dos membros da seita com o tráfico internacional, pois seus integrantes que aparecem no vídeo são mostrados como pequenos agricultores que vivem de subsistência. No entanto, a declaração do superintendente da Polícia Federal brasileira entrevistado na matéria é bastante forte: “não há como dissociar essa seita

⁷ No Brasil, a venda e o consumo de álcool nas reservas indígenas são proibidos por lei.

e seus integrantes, que moram naquela região, da produção, do plantio e da colheita das folhas de coca. Então realmente a gente, deduz, e deduz com muita segurança, que aquelas famílias hoje vivem do plantio de coca. Infelizmente”.

A angulação preferencial da matéria evidencia desconhecimento e ignorância, por parte do enquadramento pela mídia brasileira, das identidades culturais que ancoram os modos de existência das populações tradicionais ocupantes daquele espaço, sobretudo o caráter binacional das identidades (Barbosa, 2008; Baines, 2012). A construção discursiva da reportagem faz pensar numa “invasão de peruanos” desde a fronteira, quando o que impera naquele espaço é uma região de interrelações culturais e identitárias, caracterizada como uma zona onde a dupla nacionalidade é a regra e não exceção (Barbosa, 2008). Desse modo, ignora-se o sistema “inter e transnacional das nacionalidades em conjunção” (Baines, 2012), exibindo o estrangeiro como ameaça, numa espécie de xenofobia dissimulada (Oliveira, 2006).

Chama a atenção o fato de que as três matérias que aludem à questão da soberania finalizam com declarações de representantes das forças de repressão estatal. As matérias sobre a seita dos israelitas e sobre os índios Tikuna são concluídas com falas de autoridades da polícia federal, enquanto a matéria sobre a Operação Ágata, a última palavra vem de um militar de alta patente no exército brasileiro, que afirma temer a cooptação das populações pelo tráfico de drogas internacional. O fechamento discursivo a partir das autoridades estatais coroa o enquadramento pela projeção de poder e a atuação na forma dos mecanismos de vigilância e de correção, que constituem aquilo que Foucault (2008a, 2012) denomina dispositivo disciplinar.

As matérias analisadas apresentam uma construção discursiva semelhante, que achata diferenças e coloca no mesmo plano problemas como o alcoolismo de indígenas, o fanatismo religioso de fronteirços e a existência de pistas de pouso de aeronaves clandestinas na Amazônia, localizando nestas situações tão distintas o perigo iminente do avanço do narcotráfico, que aparece como um “mal silencioso” que ameaça ultrapassar as fronteiras internacionais do Brasil. Elementos como a riqueza cultural religiosa da região, como mostrado na matéria sobre a seita, são suprimidos em relação ao valor notícia “ameaça”, que achata diferenças e pluralidades.

O jornalista, em seu papel de discreta testemunha, escancara e denuncia, apoiado pela indiscutível “veracidade das imagens”. O “fazer crer” constrói-se evidente e transparente, embasando o ritual estratégico da objetividade jornalística (Tuchman, 2003) pelo princípio do “fazer ver”. Este valor, associado aos critérios de noticiabilidade do jornalismo (Silva, 2005), atuam no sentido de destacar “o perigo”, “a ameaça”, em detrimento das particularidades culturais regionais.

Considerações finais

Verifica-se no levantamento das matérias exibidas no programa Fantástico sobre as fronteiras amazônicas a ausência temática do cotidiano dos núcleos urbanos da região norte, apesar dos índices preocupantes referentes à criminalidade, homicídios e acidentes de trânsito nesta região, a exemplo dos demais centros populacionais brasileiros. Constata-se a persistência da apropriação discursiva da Amazônia por um viés mítico, das riquezas naturais como um bem a ser explorado e preservado. Corroborar com esta posição a perspectiva de que, nos últimos dez anos, a incidência mais recorrente do programa sobre o tema seja o enfoque do desmatamento e dos problemas ambientais.

As matérias sobre as fronteiras internacionais da Amazônia exibidas no programa Fantástico expressam um jornalismo atrelado ao Estado. A análise evidencia um monopólio discursivo das questões de soberania nacional e vigilância, exercida com veemência pelo aparato estatal. Essa orientação jornalística, longe de expressar os princípios clássicos da objetividade, universalidade, pluralidade e relevância, revela a força daquilo que Foucault (1971) chama de “doutrina”: ao limitar-se a certos indivíduos o direito a falar e definirem-se quais discursos podem circular e serem transmitidos, instaura-se o inverso de uma “sociedade do discurso”, que permitiria a circulação da diversidade de posições nas falas. O que as matérias exibem é o inverso: as autoridades estatais são evidenciadas como portadoras da “verdade” discursiva, enquanto as populações locais são relegadas a posições de culpado ou de vítima.

Deste modo, as conclusões levantadas neste estudo vão ao encontro de trabalhos anteriores desenvolvidos pelo grupo Comunicação, Identidades e Fronteiras,⁸ do qual as autoras do artigo fazem parte. Verifica-se uma clara aproximação com vários dos argumentos levantados em trabalhos que refletem sobre a cobertura jornalística das fronteiras nacionais (Silveira, 2009, 2012; Guimarães & Silveira, setembro 2012; Guimarães & Silveira, outubro 2012). Este padrão de cobertura das narrativas fronteiriças, verificado neste artigo nas reportagens televisivas sobre a Amazônia, reforça uma estrutura discursiva anteriormente observada em outras plataformas e espaços geográficos, a exemplo do jornalismo impresso local (Dias, Mascarenhas & Silveira, 2011; Silveira, 2012) e das revistas nacionais de referência como *Época* e *IstoÉ* (Silveira, 2009; Silveira 2012).

Os resultados reforçam a percepção do pensamento abissal no discurso televisual, que coloca como o elemento que está “para lá de Tordesilhas” como o perigo externo ameaçador, bem como a vigilância panóptica é concretizada discursivamente pelo “fazer ver”, reificado pelas lentes televisivas e pela pretensa objetividade do discurso jornalístico.

⁸ O Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras, coordenado pela Prof. Dr.^a Ada Cristina Machado Silveira, reúne pesquisadores em nível de graduação e pós-graduação. Mais informações sobre o Grupo de Pesquisa no blog <<http://comunicacaoeidentidades.wordpress.com/>>, ou no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq no Brasil, <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0327609KJREEGV>> Acesso em: 22 mar. 2014.

REFERÊNCIAS

- Araújo, Ludmila, R. A. and Silva, S. (2010). A Amazônia Sob o Olhar Da Mídia. *Anais Do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação*, pp. 1-9.
- Bacin, M. (2012). Câmeras de Segurança: o Panóptico a Serviço Do Telejornalismo. *Anais Do 4o Encontro Do Núcleo Gaúcho de História Da Mídia*, pp. 1-15.
- Baines, S.G. (2012). O Movimento Político Indígena Em Roraima: Identidades Indígenas e Nacionais Na Fronteira Brasil-Guiana. *Caderno CRH*, 25(64), pp. 33-44.
- Barbosa, G. C. (2008). Atitudes em fronteira: o caso de Tabatinga e Letícia. *Forma y Función*, 21, pp. 303-324.
- Bauman, Z. (2004). *Modernidad Líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Bittencourt, M. P. H. de. (2008). Jornalismo e Amazônia - Inovação Na Cobertura Da Questão Ambiental Amazônica. *Anais Do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação*, pp. 1.11. Natal, RN: Intercom.
- Brasil (2005). Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (p. 418). Brasília.
- Bueno, M.F. (2002). O Imaginário Brasileiro Sobre a Amazônia. Universidade de São Paulo. http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11052004-103058/publico/Dissertacao_Magali_Saber_USP.pdf.
- Coelho, L.R. and Julião, L. (2008). Análise Da Construção Do Discurso Ambiental Pela Revista Veja a Partir Das Capas Sobre a Amazônia. *Anais Do X Congresso de Ciências Da Comunicação Da Região Nordeste*, p. 11.
- Coimbra, C. M. (2001). Mídia e Produção de Modos de Existência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 17, pp. 1-4.
- Dias, A. S., Mascarenhas, G.L., Silveira, A.C.M. (2011). O olhar da Triplíce Fronteira sobre si mesma: o caso da Gazeta do Iguazu. *Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul* – Intercom Sul, Brasil.
- Dutra, M. J. (2001). A Amazônia na TV: produção de sentido e o discurso da ecologia. *Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Campo Grande: Intercom.
- Foucault, M. (1971). *L'Ordre du discours: leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Éditions Gallimard.
- (2003). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- (2008a). *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes.
- (2008b). *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- (2012). *Vigiar e punir; nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Gomes, L. (2011). É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show. Em I. Gomes (ed.), *Gêneros televisivos e modo de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: Edufba.
- Guimarães, I. P. & Silveira, A. C. M (2012). Sobre lugares de crimes e castigos: periferia e imaginário colonial. *Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Intercom, Brasil.
- (2012). O imaginário midiático das fronteiras na cobertura jornalística. *Anais de la Conferencia Regional UC-ICA*. Santiago do Chile, Chile.
- Heck, E., Loebens, F. e Carvalho, P. (2005). Amazônia indígena: conquistas e desafios. *Estudos Avançados*, 19(53), pp. 237-257.
- Lopes, L.C. (2006). A TV aberta brasileira: economia política, cultura e comunicação. *Unirevista*, 1(3), pp. 1-119.
- Ijuim, J. K. (2013). Imprensa e preconceito: O pensamento abissal nos meios de comunicação e a deslegitimação de grupos sociais. In *Actas Ibercom* (pp. 1–11). Santiago de compostela. Retrieved from http://www.estudiosaudiovisuais.org/lusofonia/?page_id=844

- Machado, L.O. (2007). Região, Fronteiras e Redes Ilegais: Estratégias Territoriais Na Amazônia Sul-Americana. *Limes - Revista Italiana Di Geopolitica* (3), pp. 173–183.
- Oliveira, M. (2006). A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estudos Avançados*, 57, pp. 183-196.
- Priolli, G. (2003). Antenas da brasilidade. Em E. Bucci (ed.), *A TV aos 50: Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Santos, B. De S. (2007). Para Além Do Pensamento Abissal. *Novos Estudos* (79), pp. 71-94.
- Silva, G. (2005). Para Pensar Critérios De Noticiabilidade. *Estudos Em Jornalismo e Mídia*, II(1), pp. 95-107.
- Silveira, A. C. M. (2009). Modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias. *Ghrebh*, 2(14), pp. 157-176.
- (2012). A Cobertura Jornalística de Fronteiriços e Favelados – Narrativas Securitárias e Imunização Contra a Diferença. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências Da Comunicação* 35(1), pp. 75–92.
- Steinbrenner, R. (2007). Amazônia na Fronteira entre a Ciência e a Mídia: submissão ou superação do mito? *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos: Intercom.
- Théry, H. (2005). Situações de Amazônia no Brasil e no continente. *Estudos Avançados*, 19(53), pp. 37-49.
- Tuchman, T. (2003). A objetividade como ritual estratégico. In.: N. Traquina (ed.), *Jornalismo, questões, teorias e histórias*. Lisboa: Vega.

SOBRE AS AUTORAS

Aline Roes Dalmolin: Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (2004), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2007) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2012).

Ada Cristina Machado Silveira: Professor Associado IV da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisador do CNPq (Pq2). Possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1982), é Magister en Periodisme i Ciències de la Comunicació - Universitat Autònoma de Barcelona (1998), com mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (1992), Doctorado en Periodismo - Universitat Autònoma de Barcelona (2000) e com estágio pós-doutoral na Sorbonne III - La Nouvelle (França) e na Universidad Nacional de Quilmes (Argentina).